

Revista Espinhaço entrevista: Silvia Elena Giorguli Saucedo (El Colegio de México)

Apresentação A Revista Espinhaço apresenta uma entrevista exclusiva com a presidenta do Colegio de México, Silvia Elena Giorguli Saucedo. A entrevista foi realizada em janeiro de 2017, e conduzida por Gisela Zapata (Cedeplar-UFMG) e Douglas Sathler (UFVJM) nas dependências do Colegio de México, na Cidade do México. Silvia Elena Giorguli Saucedo fala sobre os desafios à frente da presidência do Colegio de México, do financiamento à ciência no México e do tema migrações, tanto no contexto México-Estados Unidos quanto no contexto Latino Americano.

Revista Espinhaço: Gostaríamos que a Sra. se apresentasse para os leitores da revista. Fale um pouco de sua história na pesquisa e, também, sobre como se tornou presidente do Colegio de México.

Eu sou socióloga de formação. Estudei sociologia na Universidad Nacional Autonoma del Mexico (UNAM), onde tomei meu primeiro contato com a demografia e com os estudos de população. A demografia apresenta muitas possibilidades para entender as questões sociais. Em seguida, trabalhei com o tema “mortalidade” durante o meu mestrado. Depois resolvi seguir uma carreira acadêmica e fui cursar o doutorado em sociologia com ênfase nos estudos populacionais, na Brown University, Estados Unidos. Neste período, fortaleci bastante a parte técnica da demografia. Eu tinha uma formação teórica muito forte em sociologia na UNAM, sobretudo nos estudos sobre a transição demográfica e mercado de trabalho na América Latina. Quando estudei nos Estados Unidos, trabalhei com uma demógrafa americana chamada Frances Goldscheider. Buscamos entender as interações entre os processos demográficos e as dinâmicas familiares. Minha tese foi sobre isso. Em paralelo, nunca deixei de trabalhar com o tema migrações internacionais, focando na medição do fenômeno e nas possibilidades de interação da migração com outros processos sociais numa perspectiva longitudinal. Estes foram os temas que mais estudei. Todas as pessoas que escolhem estudar ciências sociais, pensam que poderão fazer alguma coisa pelo mundo.

Quando terminei o doutorado regressei ao México. Na ocasião, tive muita sorte, pois surgiu a oportunidade de trabalhar no Colegio de México. Após quatro meses de trabalho já me tornei coordenadora do mestrado. Passei a trabalhar não apenas com a pesquisa, mas também com a gestão acadêmica. Não vejo como uma carga, mas como uma oportunidade de entender melhor como funciona as instituições. Após isso, fui diretora do Centro de Estudos Demográficos, Urbanos e Ambientais; uma experiência muito boa. Como está organizado, o centro tem uma área de demografia e uma área urbano-ambiental, despertando grande interesse de geógrafos.

O período final da minha direção no centro coincidiu com a mudança de presidente no Colégio del México. Os presidentes anteriores foram pesquisadores e intelectuais muito reconhecidos. Porque decidi concorrer à presidência? A pirâmide demográfica do Colegio estava envelhecendo

muito rapidamente, sem renovação geracional. Atualmente, o Colegio está num momento muito particular de renovação geracional. O Colegio é uma instituição de muita tradição, que está diante de grandes transformações na forma de produzir conhecimento e de fazer pesquisa.

Como uma instituição de excelência que vem se destacando positivamente desde sua fundação está se reinventando no contexto atual? Estamos diante de grandes mudanças. A Revista Espinhaço é uma revista virtual, não é mesmo? Nós temos revistas que surgiram na década de 1940 e temos que questionar quando vamos tornar estas revistas virtuais. São mudanças lentas. Nesse contexto, eu era a candidata mais jovem. Estava disposta a colocar na mesa estes temas, assumindo uma agenda de transição do Colegio à uma era mais tecnológica, buscando também a abertura à novos temas de pesquisa.

Revista Espinhaço: A Senhora é a primeira mulher e, também, a pessoa mais jovem a se tornar presidente do Colégio de México. Quais os desafios ligados a esta constatação?

O Colegio de México é uma instituição pública, pequena, reunindo cerca de 200 professores e 500 estudantes. O Colegio de México possui uma maior presença de mulheres na área de ciências sociais, em torno de 50%. Nas engenharias e matemática ainda existe o predomínio de professores e pesquisadores homens. Não sou apenas a primeira presidenta, mas também a primeira mulher em todo o sistema de administração do Colegio de México. As autoridades do Colegio são quatro: a presidência, a secretaria geral, a secretaria acadêmica e a coordenação geral acadêmica. Até então, não existia nenhuma mulher em nenhum destes cargos. Hoje nós temos um centro de estudos de gênero. Existem professoras do Colegio de México com grande conhecimento de suas áreas.

Sabemos que toda grande mudança vem acompanhada de certa resistência. É comum a discussão sobre como pesa a tradição do Colegio e sobre como pesa as necessidades do mundo contemporâneo. Existem pesos e contrapesos que fazem parte de um movimento de resistência. O Colegio não possui política de igualdade de gênero. Sei que instituições educativas no Brasil já possuem há tempo políticas de gênero. Portanto, estamos trabalhando aqui numa política de igualdade de gênero. Existem muitos aspectos que precisam ser tratados, a exemplo de mulheres jovens que trabalham

aqui e possuem filhos pequenos e, por isso, estão em condições diferentes de outros profissionais. Se todos possuem simpatia com a igualdade de gênero, por que não começar a desenvolver políticas de gênero por aqui?

Nas eleições que participei, não existiram grandes diferenças nas plataformas dos seis candidatos que pleiteavam a presidência do Colegio de México. Creio que a maior diferença estava na forma de gestão. Nós fazemos parte de uma instituição que se construiu com base em gestões centralizadoras, com a presença de uma mente muito forte que dizia a todos o que fazer. Um dos presidentes anteriores, que assumiu a gestão do Colegio de México por mais de 15 anos, direcionava jovens pesquisadores para determinadas tarefas desconsiderando aspectos essenciais de sua formação e, também, as aspirações profissionais destas pessoas. Acredito que podemos construir uma direção muito mais horizontal, com mais contato com os centros, se apoiando muito nas discussões e no diálogo.

Revista Espinhaço: Boa parte das universidades mais prestigiadas do Brasil são públicas. Como funciona o sistema de educação superior mexicano e qual seria, na sua opinião, o modelo ideal de educação e de financiamento da educação superior e da ciência?

É complicado (risos), pois os recursos são escassos em todos estes países, mas o sistema mexicano é muito parecido com o brasileiro. Os “Colégios” são instituições de caráter público. O México tem hoje duas Universidades públicas muito grandes – a UNAM e o Instituto Politécnico Nacional; temos as universidades estaduais, que também são públicas e dependem dos governos dos Estados, e ainda outras instituições de caráter o público voltadas para a pesquisa e docência, como o Colegio de México, que é a mais antiga. O modelo de financiamento das universidades tem o caráter público, sendo gratuitas ou praticamente gratuitas. Não se paga nada para estudar no Colegio de México, embora quando estudei lembro que pagava-se uma pequena quantia, cerca USD 1,00 por mês. Algumas instituições cobram um pouco mais, embora os valores sejam irrisórios. No sistema de pós-graduação, se você for um bom aluno, se destacar e tiver dedicação exclusiva à pesquisa, assim como no Brasil, eles recebem uma bolsa do Sistema Educativo. O Sistema Educativo do México cresceu e se fortaleceu muito nos últimos anos. Sempre houve uma concentração maior na Cidade do México e em Monterrey, mas agora, há outros Estados com grandes polos de educação.

Sobre o tema do financiamento, como no restante da América Latina, no México, a principal fonte de financiamento vem do subsídio federal, que dá 75% do total das verbas do Colegio de México. Na década de 1980, a chamada “Década Perdida”, o Colegio de México passou por uma grave crise financeira e foi necessária ajuda estatal, como também diversas empresas precisaram desses fundos governamentais na época que ajudaram a suportar os gastos. Agora, estamos vivendo uma situação similar, pois o México está atravessando um período de estancamento da economia e de cortes do setor público. Então temos que seguir em frente e conseguir manter o subsídio federal, ao menos, para a área e ciência e tecnologia. Será necessário continuar pressionando para manter o subsídio federal diante do cenário de queda dos repasses para as universidades. Por

outro lado, creio que algo tenha mudado nestes 30 anos, dos anos 1980 para os dias de hoje, pois há muitos financiamentos externos. Buscamos recursos que complementem as pesquisas através de fundações, recursos de projetos sociais do Governo, como alguns projetos grandes do Colegio de México em apoiar o desenho do programa de ordenamento territorial de alguns Estados, etc.

Em resumo, gostaria de frisar que não é o financiamento externo que vai definir a renda da pesquisa, é preciso manter um equilíbrio entre aumentar o financiamento externo e não deixar que ele defina toda a renda da pesquisa, pois temos que continuar fazendo coisas que não são de interesses suscetíveis de financiamento externo. No próprio Colegio de México, as primeiras áreas de pesquisa foram História, Literatura e Linguística, que são áreas que não são fáceis de conseguir financiamento externo como na Demografia e nos Estudos Urbanos.

Revista Espinhaço: Podemos dizer que a migração mexicana para os Estados Unidos estava caracterizada pela vizinhança, massividade e historicidade. Hoje estamos vivendo um período de múltiplas mudanças sociais e crises de todo tipo. Na opinião da Sra., quais são as tendências e os desafios da migração mexicana contemporânea?

Bem, estamos em um momento de transição. Após 2008, começamos uma nova era migratória, que se caracteriza basicamente pela queda da migração e pelo saldo positivo para o México, que sempre foi um país tradicionalmente emissor. Na época de maior migração, tínhamos cerca de 600.000 a 700.000 mexicanos ao ano migrando para os EUA. Agora temos algo entre 150.000 a 170.000; uma queda notável, sendo que o retorno é de 170.000 a 180.000. O saldo migratório está quase zero, sendo positivo para o México. Quase zero não significa que se acabou a migração. A quantificação é o primeiro passo para se entender o fenômeno da migração entre os EUA e o México.

Há muitos desafios no campo das políticas migratórias. Devemos entender os componentes políticos existentes nos dois lados, como por exemplo, as questões que permeiam à situação dos “dreamers”. O México não está preparado para integrar os emigrantes que estão retornando e que têm os mesmos direitos das pessoas que estão aqui. Entender isso é visualizar o racismo e as outras barreiras burocráticas. Falta coerência interna, pois os mexicanos estão muito preocupados com os direitos daqueles que vivem em Nova York ou Boston, mas se esquecem dos migrantes que existem aqui.

Revista Espinhaço: Temos falado muito sobre a importância dos fluxos migratórios intra-regionais na América Latina. Isso foi evidenciado na última rodada de Censos na região por volta do ano de 2010. Qual a sua opinião sobre a importância destes fluxos? Quais as tendências e os desafios deste movimento populacional?

Há 20 anos, quando terminei o mestrado, se falava muito pouco sobre movimentos migratórios Sul-Sul. Todos os marcos teóricos e analíticos nos faziam pensar os movimentos de países débeis para países poderosos, diante das grandes desigualdades entre Sul e Norte. Todo o nosso

esquema de pensamento está direcionado para esta lógica. Tenho muito gosto de testemunhar que, nos últimos 15 anos, tem sido muito mais visível o tema dos movimentos Sul-Sul, tanto na Ásia, como na África e na América Latina. Em muitos casos, tratam-se de fluxos muito mais importantes do que os fluxos tradicionais inter-regionais. Creio que estamos quantificando um novo fenômeno, o que nos leva a pensar suas implicações e consequências para as políticas públicas. Na era da pós-verdade, muitas informações e reflexões equivocadas são divulgadas em relação aos migrantes Sul-Sul, alimentadas muito mais pela percepção das pessoas do que por evidências científicas. Por isso, a quantificação destes fluxos é muito importante, para subsidiar políticas de combate à vulnerabilidade, de direitos humanos e de interação dos migrantes. Num mundo de grandes intercâmbios e forte comunicação, as migrações Sul-Sul são interessantes para a América Latina. Com base em narrativas distintas sobre o tema migratório, pode-se buscar entender as migrações não como um problema, para que possamos evoluir nos marcos normativos e no entendimento dos tipos de intercâmbios entre países. Aprendemos muito com as migrações Sul-Norte e podemos aprender a entender as migrações intra-regionais no contexto Latino-Americano.

Revista Espinhaço: Por favor, sinta-se livre para tecer suas considerações finais nesta entrevista.

Eu estou me sentindo muito livre nesta entrevista. Apenas gostaria de felicitar vocês, por uma iniciativa como esta, a frente de uma revista eletrônica e acessível. Muito obrigada!